

A INTOLERÂNCIA HOMOLESBOTRANSFÓBICA COMENTADA E CURTIDA NO FACEBOOK

Leogildo Alves Freires ¹
José Anderson da Costa Silva Filho ²
Willamys Da Costa Melo ³
Sheyla Christine Santos Fernandes ⁴

RESUMO. O presente estudo objetivou analisar a expressão online da intolerância homolebotransfóbica no Facebook. Para tanto, recorreu-se ao site da referida Rede Social e com base em critérios estritamente quantitativos (maior número de membros/as, curtidas e/ou compartilhamentos), selecionou-se os grupos e páginas, assim como as postagens das quais, os comentários foram utilizados para compor o corpus textual do presente estudo. O corpus foi analisado no software IRAMUTEQ, tendo sido empregadas as análises de Nuvem de Palavra e Similitude, que possibilitaram calcular a frequência e conectividade das palavras mais utilizadas pelos/as participantes. Os resultados indicaram que o núcleo central da intolerância homolebotransfóbica do presente estudo encontra-se composto pelas seguintes palavras-chave: *Pessoa, Preconceito, Sociedade, Deus, Ódio, Homem e Mulher*, sendo tais palavras incluídas como mote de discussão nesta oportunidade. A partir de então, foi possível identificar a influência cisheteronormativa da intolerância homolebotransfóbica no Facebook, cujas bases que a permeiam estão alicerçados em aspectos similares ao ambiente real marcado pela escalada de violência contra as minorias sexuais que posicionam o Brasil como líder do ranking mundial de países que mais matam LGBT+ . Ou seja, estes dados comprovam que a situação das minorias sexuais, ainda é crítica no Brasil, tanto online, quanto off-line, demandando atenção por parte da comunidade científica e da sociedade civil organizada, em geral.

Palavras-chave: LGBTfobia, Facebook, Intolerância.

INTRODUÇÃO

Apesar da extensa discussão e até mesmo controvérsias teóricas/conceituais em torno do termo homofobia, segundo Costa e Nardi (2015), esta demarcação passou a ser empregada ao longo da história como sinônimo de atitudes e comportamentos ofensivos e pejorativos frente a gays e lésbicas. Contudo, tem-se percebido nos grupos de ativismos LGBT+ que algumas variantes têm sido recorrentemente utilizadas em função do segmento referido, por exemplo, lesbofobia, transfobia, ou mesmo, a aglutinação destes em uma única palavra, homolebotransfobia, tal qual consta na última edição do Relatório Anual do *Grupo Gay da*

¹ Doutor em Psicologia Social pela UFPB – Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, leogildo.freires@ip.ufal.br ;

² Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, anderson.palmeira04@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, willamys.costa@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Social pela UFBA – Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, sheyla.fernandes@ip.ufal.br.

Bahia (GGB, 2018), e que por sua vez, nos levou a empregar esta denominação na presente oportunidade.

Feita essa ponderação inicial, é importante destacar que o Brasil lidera o *ranking* dos países mais violentos para as minorias sexuais no mundo. Tal fato pode ser constatado pela escalada de mortes tipificadas por intolerância homoesbotransfóbica contabilizadas pelo (GGB, 2018). Para se ter ideia no ano de 2018 foram contabilizadas 420 mortes de LGBTQ+, equivalendo a uma proporção de um assassinato a cada 20 horas no contexto brasileiro. Estes números ilustram que a situação das minorias sexuais ainda crítica no Brasil, resultando em extremas manifestações de intolerância que demandam esforços dos movimentos sociais e da comunidade científica em desenvolver estudos que objetivem um melhor entendimento deste tipo de comportamento.

Neste sentido, apesar do avanço em relação ao reconhecimento de alguns direitos, após decisões judiciais valorosas em terreno brasileiro (*e.g.* união estável, adoção e criminalização da LGBTQfobia), não se deve findar o debate sobre a necessidade políticas mais efetivas para o combate da intolerância homoesbotransfóbica, pois o Brasil, ainda é o país que mais mata minorias sexuais. Silva Junior (2014) acrescenta ainda, que mesmo diante deste cenário tenebroso, a agenda de reivindicações LGBTQ+ ainda mobiliza fortes embates políticos entre grupos (endo e exo) de interesses distintos, frequentemente, conflitantes. Esta conjuntura apresentada pelo autor supracitado, tornou-se mais evidente, na última corrida presidencial no Brasil, período em que foi possível visualizar concretamente o deslocamento da intolerância do ambiente ‘virtual’ para o ‘real’. Segundo o GGB (2018) mais de uma dezena de pessoas LGBTQ+ denunciaram nas redes sociais, principalmente no Facebook, bem como na mídia tradicional, diversas situações vexatórias envolvendo insultos e agressões físicas com motivação homoesbotransfóbica durante a campanha eleitoral em diversas cidades do país.

Em função disso, considerando as consequências do preconceito sexual frente a minorias sexuais, a escalada de violência brasileira que situa o país como líder mundial de assassinatos e o ainda crescente número de usuários e usuárias do Facebook, que mesmo diante de outras redes sociais mais utilizadas na atualidade, o Facebook, ainda se mantém como palco de diversos embates do cotidiano congregando aproximadamente 1,52 bilhões de pessoas com contas ativas (FACEBOOK, 2019). Diante do exposto, o presente estudo objetivou analisar a expressão *online* da intolerância homoesbotransfóbica no Facebook. Cabe destacar, no entanto, que este estudo, faz parte de um estudo maior e mais completo

desenvolvido na Universidade Federal de Alagoas conduzida pelos/as pesquisadores/as Sheyla Christine Santos Fernandes e Leogildo Alves Freires que em breve estará à disposição da comunidade científica e em geral.

METODOLOGIA

A coleta do material analisado foi realizada por meio de consulta ao site da Rede Social *Facebook* (<http://facebook.com.br/>). Em um primeiro momento, selecionamos então, cinco sítios considerados, nesta oportunidade, como mais relevantes, segundo critérios estritamente quantitativos, a saber, maior número de membros/as e/ou curtidas. Para esta seleção, foi utilizado o descritor ‘*LGBT*’, para buscar páginas e grupos abertos no Facebook. Após esta etapa prévia de triagem, foi realizada uma busca nas páginas e grupos selecionados, pelas postagens mais ‘populares’ (isto é, mais curtidas ou compartilhamentos). Por fim, todos os comentários dessas publicações compuseram o corpus textual que foi analisado no presente estudo. Ressalta-se que foi garantido o caráter anônimo de cada comentário, assegurando a não identificação dos perfis das e dos usuários/as.

Os dados textuais foram digitados manualmente, em seguida, foram transcritos para o *OpenOffice Writer*. Após revisão cuidadosa, aqueles que não correspondiam aos critérios estabelecidos previamente foram eliminados, de modo que o *corpus* ficou caracterizado da seguinte maneira: 450 Unidades de Contexto Iniciais (UCIs) e 15. 874. Após organização do corpus, os arquivos foram importados para o Bloco de Notas do *Windows* e salvos na codificação UTF-8 para análise no *software Iramuteq* (RATINAUD, 2009), o qual é hospedado no *programa R* (*R Core Team*, 2012). Decidiu-se por realizar uma análise de *Nuvem de Palavras* que permite agrupar e organizar graficamente as palavras em função da sua frequência e uma *Análise de Similitude*, que por sua vez, possibilitou identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado, fornecendo indicações da conexão entre as palavras e permitindo a identificação da estrutura de um corpus (CAMARGO; JUSTO, 2013).

DESENVOLVIMENTO

Apesar do aparente cenário de garantia de direitos assegurada pelo sistema jurídico no Brasil, conforme indicado na introdução, constitui-se um equívoco afirmar que o preconceito e/ou discriminação frente as minorias sexuais esteja diminuindo no contexto brasileiro, tendo em vista que a violência homolebotransfóbica segue crescente. No âmbito da Psicologia social, é possível situar o preconceito, a partir de duas vias principais, uma caracterizada como flagrante e outro sutilizada ou velada. A primeira corresponde a expressão de

Nesta direção, para melhor elucidar estes resultados, recorre-se ao que Arévalo e Duarte (2018), apontam na sua classificação dos discursos conservadores, que segundo estes autores são de dois tipos principais: (1) ‘pesados’: que por sua vez, caracterizam discursos com injúrias públicas que objetivam legitimar a discriminação e (2) ‘leves’: caracterizado como cordial, não obstante, fortemente político e com o intuito de negar qualquer direito e reconhecimento às minorias sexuais. No primeiro tipo, têm-se em conta os discursos polêmicos da bancada evangélica sobre as políticas educacionais no combate à homofobia (OLIVEIRA; ALBERTO; BITTENCOURT, 2016).

Tais autores, assinalam que o conteúdo dos discursos e pregações dos políticos estão envoltos em julgamentos morais e culturais amparados na cisheteronormatividade, não obstante, sem nenhum respaldo científico. O mesmo acontece no segundo tipo, que evidencia a influência das cisheteronormas em esferas como a cultura LGBT+, onde discursos rechaçando personalidades públicas são utilizados para descredibilizar a visibilidade das minorias sexuais na mídia em geral.

Neste contexto é mister mencionar que a utilização do *Facebook* pelo/a brasileiro/a veio acompanhado por questões merecedoras de atenção científica, tendo em vista que possibilitam entender, por exemplo, a dinâmica do uso dessa rede social e seus impactos na vida cotidiano de seus usuários e usuárias (ALVES JUNIOR; FERNANDES, 2018). Amaral e Coimbra (2015) corroboram o descrito anteriormente ao estudar a campanha “#eunãomereçoserestuprada”. As autoras identificaram um padrão de propagação de violência considerado alarmante, a partir do conteúdo dos comentários de ódio proferidos pelas pessoas em suas redes sociais que, por sua vez, podem extrapolar a esfera virtual e passar a incorporar seus posicionamentos nos seus cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou analisar a expressão *online* da intolerância homotransfóbica no Facebook. Como já ressaltado na introdução, este estudo, faz parte de um estudo maior desenvolvido no âmbito da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) que em breve estará à disposição da comunidade científica e em geral. Diante dos resultados preliminares apresentados nesta oportunidade, presume-se que este objetivo esteja sendo alcançado. Neste sentido, destaca-se que tais condutas preconceituosas, segundo Freires, Barbosa, Coelho, Santos e Moizéis (2017) não se constituem, em si, “disposições individuais”, mas sim um produto multifacetado que inclui aspectos históricos, políticos e

culturais marcados diretamente pelo social e incorporando dispositivos “normatizadores”. Em geral, foi possível identificar uma base cisheteronormativa da intolerância homolebotransfóbica no *Facebook*, cujos elementos circunscrevem padrões de regularidades análogos ao ambiente real. Ou seja, estes dados comprovam que a situação das minorias sexuais, ainda é crítica no Brasil, tanto online como offline, demandando atenção comunidade científica e da sociedade civil organizada, em geral.

Finalmente, apesar do objetivo ter sido satisfatoriamente alcançado, não se descartam potenciais limitações, tendo em vista a impossibilidade de esgotar em uma única oportunidade uma temática desta complexidade e abrangência. Sendo assim, ressalta-se a unilateralidade do corpus textual utilizado no presente estudo, tendo se restringido a uma única rede social, o que de fato inviabiliza qualquer generalização para outros ambientes virtuais do contexto brasileiro. Seria igualmente interessante, outros estudos que contemplassem corpus textuais mais expressivos, volumosos e heterogêneos, levando em conta outras redes sociais expressivamente presentes no cotidiano dos internautas brasileiros, tais como o *Twitter*, *Instagram*, etc. Contudo, espera-se que outros estudos futuros sejam levados a cabo, uma vez que, estudos dessa natureza são fundamentais para preencher lacunas existentes na literatura da área.

REFERÊNCIAS

- ALVES JUNIOR, Jorge.; FERNANDES, Sheyla Christine Santos. A rede social Facebook: uma análise a partir da teoria da ação planejada. **Revista Querubim**. v.14, n 2, p. 102-113, 2018.
- AMARAL, Adriana.; COIMBRA, Michele. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos *haters* no caso #eunãomereçoserestuprada. **Revista Contemporânea: comunicação e cultura**, v. 13, n. 2, p. 294-310, 2015.
- ARÉVALO, Amaral.; DUARTE, Herman. De lo hardcore a lo light Injurias y homofobia cordial en El Salvador. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**. v. 18, n.1. p. 43-64, 2018.
- CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.
- COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015.

FACEBOOK. **Facebook newsroom: company info**. Disponível em:

<http://newsroom.fb.com/company-info/>, acessado em 20/05/2019, 2018.

FREIRES, Leogildo Alves; BARBOSA, Larisse Helena Gomes Macêdo; COELHO, Gabriel Lins de Holanda; SANTOS, Layrthton Carlos de Oliveira; MOIZEIS, Heloísa Bárbara Cunha. O estudo das relações intergrupais no contexto dos grupos minoritários: resgatando perspectivas clássicas e atuais da psicologia social. Em: LIMA, Carla Fernanda; PIMENTEL, Carlos Eduardo(Org.). **Revisitando a Psicologia Social**, p. 94-124. Curitiba: Juruá, 2017.

GRUPO GAY DA BAHIA – GGB. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil**. Disponível em:

<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>, acessado em 20/05/2019, 2018.

HUDDY, Leonie; FELDMAN, Stanley. On assessing the political effects of racial prejudice.

Annual **Review of Political Science**, v12, n.2 , p. 423-447, 2009.

OLIVEIRA, C. E.; PEREIRA ALBERTO, M. F., & BORGES BITTENCOURT, N. F.

Tensões e contradições nos discursos políticos sobre o combate à homofobia no contexto da escola brasileira. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v.14, n. , p.1479-1492, 2016.

RATINAUD, Pierre. **IRAMUTEQ**: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Disponível em:

<http://www.iramuteq.org>. Acessado em 20/05/2019, 2009.

SILVA JUNIOR, Assis Moreira. As minorias sexuais e as políticas públicas do governo

federal: entre avanços e retrocessos. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas**, v. 1, n. 2, p. 21-54, 2014.